

Audálio Dantas

Entrevistadores: Carla Siqueira e Caio Barretto

Data da entrevista: 24/09/2008

Qual o seu nome completo, data e local de nascimento?

Audálio Ferreira Dantas, eu nasci em Alagoas, em 1932, e vim para São Paulo menino ainda.

Quais eram os nomes e as atividades de seus pais?

Meu pai, Otávio Martins Dantas, era comerciante, uma pessoa muito inquieta. Já em Alagoas, ele mudou umas cinco, seis vezes. E a minha mãe, a chamada "do lar", Rosalv, de solteira, era Ferreira Ferro, gosto muito desse nome, depois virou Ferreira Dantas.

Já havia algum envolvimento de sua família com o jornalismo?

Diretamente, não. Eu tinha um parente distante que trabalhou como jornalista pesadamente no início da carreira, muito jovem, que se chamava Graciliano Ramos. Ele era filho de Maria Amélia Ferro Ramos, portanto do mesmo tronco familiar meu. Ele foi revisor do Correio da Manhã e de vários jornais nos anos 1910.

Esse parentesco com Graciliano Ramos te inspirou de alguma forma?

Não. Veio muito depois. A crônica familiar, meu lado materno falava em várias figuras, mas do Graciliano, não. Descobri Graciliano na minha juventude, lendo Graciliano. E foi a minha grande paixão depois do Jorge Amado. Mas eu descobri que o Graciliano Ramos era bem melhor. Aí eu comecei a ler coisas, e, nas cartas, encontrei a ligação familiar.

Como você se encaminha para o jornalismo?

Eu me encaminhei nos meados dos anos 50, como acontecia naquela época, era quase acidental. Evidentemente, havia uma intenção, uma ligação forte. Eu lia muito, escrevia, gostava de escrever, cometera os meus escritos e, na leitura de Graciliano, por isso que acho importante, descobri o prazer, a importância de escrever. E procurei me aproximar de jornal. Não havia a exigência da formação superior e eu fui para a antiga Folha da Manhã, que depois viria a ser a Folha de São Paulo, trabalhar na fotografia. Porque se fazia jornalismo por aproximação. Foi o caso. Porque logo depois eu comecei a escrever, fui muito incentivado. A Folha, naquela ocasião, estava passando por uma mudança muito importante. Deixava de ser um jornal local para ter aspiração nacional. E crescia muito na reportagem principalmente. E alguns daqueles velhos mestres, havia grandes jornalistas, o Mário Lobo, o Hélio Pompeu, o Moacir Corrêa... Essas pessoas me incentivaram muito, porque perceberam que eu tinha o tal do jeito. E foi por aí. Comecei a escrever e fui muito rapidamente para a reportagem. Fui durante algum tempo noticiário, do dia-a-dia, mas a minha tendência sempre foi a reportagem. Eu comecei a fazer reportagem e logo me confiaram missões inacreditáveis hoje. Por exemplo, Mário Guimarães, que era o editor da Folha da Manhã, me mandou para uma viagem para o Nordeste para fazer reportagem, era o que eu queria, o que eu sonhava. Era a primeira volta que eu tive, para fazer reportagens. Não tinha pauta. Quer dizer, tinha um assunto que era importante na época, o grande motivo, que era a chegada da energia elétrica no sertão via usina de Paulo Afonso, que estava começando, já estava instalada. E daí, eu voltei com uma penca de reportagens, muito. Entre outras, a do pioneiro da captação de energia em Paulo Afonso, que era Delmiro Gouveia, e eu fiz uma matéria sobre ele. Ele foi industrial, fundou uma fábrica em pleno sertão. Voltei com várias histórias. Daí pra frente, desandei a fazer reportagem.

Era comum a Folha investir nessas grandes viagens?

Nessa fase havia um grupo inquieto de jornalistas, e isso influenciou. Estava lá o José Hamilton Ribeiro, e vários outros que estavam chegando, junto comigo, ou um pouquinho antes ou depois. A Folha investia muito porque era uma empresa familiar também, e passou a encarar o jornalismo industrialmente. Tinha mudado de sede, novas máquinas, nova redação, nova mentalidade. E esses jornalistas vinham com uma nova mentalidade também. O grupo todo. A Folha investia, naquela ocasião, em reportagens de campanhas, que se chamava. Pegava um tema e fazia uma campanha longa, uma série de reportagens. O Mário Mazin Guimarães, por exemplo, o chefe, saiu para fazer o que, no meu entender, o ambientalismo, a

defesa do meio ambiente, ele fez uma série imensa de reportagens sobre o Pontal do Paranapanema, aqui em São Paulo, que era uma grande reserva florestal. E que estava começando a ser destruída e invadida. Até hoje dá problema, grileiros tomaram conta, cortaram o mato e, de vez em quando, chega um grupo do MST, que quer pegar um pedaço, sai uma guerra. Aquelas coisas. Mas era esse pioneirismo. Várias campanhas importantes se fizeram nessa época e a grande reportagem era uma constante.

Audálio, você falou sobre o jornal criar campanhas, se engajar em campanhas, que isso era uma marca do jornalismo daquela época, não é? Você acha que isso ainda tem a ver com a época em que os jornais assumiam um certo partidário ou isso era simplesmente um jeito de vender jornal?

No caso da Folha acho que era a busca por um jornalismo mais inquieto, mais avançado. Não tinha um sentido partidário. Mesmo porque buscava-se o modelo industrial de fazer jornal.

Estamos falando dos anos 50. Em que ano você entra na Folha?

Comecei a fazer reportagem em 54, 55. Fiz alguns trabalhos que tiveram uma grande repercussão, sempre reportagem. Em função disso, fui convidado, em 1958/1959, para a revista O Cruzeiro, que era o grande, a Meca de todo repórter, na ocasião. Fui pra lá em função disso. Antes disso, tinha feito algumas reportagens que fizeram grande sucesso. E a que fez mais sucesso, e que até eu digo que não é a melhor reportagem do ponto de vista do repórter, de texto... Fui muito marcado pelo texto, que foi considerado avançado para a época, mas foi a reportagem sobre o diário da favelada Carolina Maria de Jesus. Eu fiz a pauta, eu propus a pauta e fui fazer a matéria que era na Favela do Canindé, aqui na margem do Rio Tietê. A favela [riso] era o assunto em São Paulo, principalmente. Eram poucas as favelas. Talvez alguns milhares de pessoas que viviam em favelas, hoje, são milhões. E eu propus a pauta: e o que era a pauta? Era viver a favela. Como se vive nisso? Foi essa a minha proposta e fui para a favela do Canindé. Sempre houve um preconceito contra pobres nesse país, pobres, pretos. E as pessoas diziam: "Puxa, mas isso lá, está cheio de malandros..." Não se falava em traficantes... não havia isso. Mas comecei a andar na favela e dali a pouco já estava sendo conhecido na favela, dois, três dias depois. Foi aí que apareceu a Carolina de Jesus, uma figura imponente, impressionante, gritando que tinha um

livro e tinha um playground, um carrossel, umas gangorras, que a prefeitura tinha instalado lá, e os malandros, como diziam, adultos, se esbaldando. Isso até me lembrou um pouco da cena de Jorge Amado, em *Capitães de areia*, que são os meninos de rua que aproveitam o carrossel à noite, me lembrei disso. “Vou colocar vocês no meu livro!” Mas, que livro é esse? Ela estava falando para mim, evidentemente. Aí ela me levou até o barraco, tinha uma pilha de cadernos, em que ela contava o dia-a-dia da favela, nem todos, mas a maioria era isso, o dia-a-dia dela e da favela. Aí, eu li umas três páginas e vi uma força incrível naquela narrativa, um texto fortíssimo, apesar de todos os erros de linguagem e ortografia, mas um texto de qualidade excepcional do ponto de vista de expressão. Aí perguntei pra ela se ela me confiaria um daqueles cadernos para transcrever alguma na reportagem. Ela, na hora. E a minha reportagem foi essa. E o que eu acho que essa reportagem tem valor em si, não pela reportagem, porque o texto era quase todo dela. Eu fiz um abre, e disse, olha, essa mulher vive lá, assim, assim, e escreve essas coisas do dia-a-dia. O que eu tinha imaginado ver de fora, veio de dentro. E essa reportagem teve a maior repercussão da minha história de repórter, até hoje, porque depois publicou-se o livro, esse livro vendeu milhares de exemplares na ocasião, várias edições sucessivas e foi traduzido em 13 idiomas. Então, repercussão internacional dessa reportagem, que é meio minha, meio da Carolina de Jesus.

Você ainda estava na Folha, não é?

Fiz a primeira da Folha, muito em função disso e de outros trabalhos é que fui convidado para O Cruzeiro.

Você disse que seu texto era considerado moderno para época. Qual era a característica desse texto?

Era o texto que se chama jornalismo literário hoje. Era um texto, digamos, paraliterário, de apropriação do estilo literário na reportagem. Mas, isso, sendo apenas uma questão de estilo, porque a informação, eu nunca deixei de dar. Essa é a questão. Aliás, quando se fala isso, se pode enquadrar não só esse meu texto, mas de outros jornalistas da época, pode-se enquadrar no que se chama, e que fez um grande furor na época, alguns anos depois, que foi o novo jornalismo, o new journalism americano. Mas eu insisto em dizer, até hoje, que não existiu o novo jornalismo surgido nos Estados Unidos. O novo jornalismo surgiu do estilo de jornalistas em várias partes do mundo, inclusive no Brasil. E o grande exemplo

disso é o Joel Silveira. Em 1945, pena que ele não esteja mais aqui para contar a história, ele escreveu reportagens antológicas. Uma delas que se chama "A milésima segunda noite na Avenida Paulista" contava a história de um casamento, que era da filha do Conde Matarazzo, na época o homem mais rico do país, os preparativos, a ansiedade em torno desse fato, que estava para acontecer, e ele contou sem ver... porque ele não foi convidado. Não convidavam repórteres, a não ser alguns cronistas sociais para um evento desse tipo. E ele fez a matéria através de entrevistas, que ele com pessoas próximas, cabeleireiros, alguma socialite da época, serviçais. E ele contou esse casamento. Bom, para resumir, nos anos 70, o Gay Talese, que é considerado um papa do novo jornalismo, escreveu uma matéria que é exatamente a mesma coisa. Chama "Frank Sinatra está gripado". Essa matéria que tinha 50 páginas da revista Esquire, se não me engano, era exatamente isso. Frank Sinatra prometeu uma entrevista, era um estrelão, ficou gripado, disse que não podia dar, o Gay estava muito tempo fora da redação, e resolveu fazer assim. Foi iniciativa do repórter. Fazer atrás dos barmen, das putas que freqüentavam aquele meio, alguns mafiosos, enfim, toda a entourage mais ou menos próxima do Frank Sinatra, entrou na matéria e ele contou a história do Frank Sinatra. O Frank Sinatra estava lá em todas as páginas. Então, o novo jornalismo não é uma invenção dos anos 60, como muita gente quer. Mas havia na Argentina, outros jornalistas que escreviam coisas fantásticas. É isso. Esse foi o meu jeito de fazer os trabalhos. Na revista O Cruzeiro tive oportunidade de fazer trabalhos grandes de reportagem.

Por exemplo?

Primeiro, no O Cruzeiro, eles me pediram uma reportagem sobre a Carolina de Jesus, que já estava com livro publicado. Isso foi, como se diz, baba. Mas, depois, fiz algumas matérias, duas delas, realmente marcaram época. Uma delas foi uma matéria chamada "Os nossos desalmados irmãos loucos", que era uma matéria sobre um hospital de alienados aqui em São Paulo, no Juqueri, e que era, na ocasião, a referência do hospital psiquiátrico. Ele podia receber cerca três mil pacientes e estava com 13 mil. Tinha 10 mil a mais. Então, isso transformou aquilo em um grande campo de concentração porque os pátios, se você vir cenas do Holocausto contra os judeus, você vai verificar... Então, você tinha cenas impressionantes daqueles pátios, a maioria, nua. Homens, mulheres, terríveis...urubus... Uma coisa que o antigo jornalismo chamaria de dantesca. Essa expressão, felizmente, eu nunca usei. Mas eu fiz a matéria contando cenas, porque era uma coisa tão imensa, tão imensa, que não dava para você resumir e

fazer, vamos dizer, um texto segundo as regras. Havia uma certa transgressão aí. Então, fui pegando cenas, aqui outra ali, uma figura, um incidente e fui contando sem precisar insistir que aquilo era um crime. Não precisava. Era só contar. Essa foi uma delas. Depois, fiz uma outra, com o título "O circo do desespero", depois disso veio a ser o título de um livro meu, lançado em 1976. Era uma matéria sobre uma maratona de dança. Muita gente achou que eu fiz em função de um filme que veio no fim dos anos 70, mas isso foi no início dos anos 60. Era uma maratona de dança já tradicional em São Paulo, era de carnaval. Começava na sexta-feira de carnaval e terminava na terça. Eram com casais que se inscreviam para dançar e havia quem desistia e havia quem resistisse até o final e ganhava prêmios. Atraía um grande número de pessoas, alguns exibicionistas, mas a maioria que queria receber aquele prêmio. Então foi essa a matéria que eu contei, era na televisão, um programa de televisão e eu contei simplesmente o que acontecia naquele tablado, era no centro de um estádio, do Ibirapuera, de um ginásio. Evidentemente isso se caracterizava como um circo romano. Não precisava dizer isso. Mas, contando, logo ia ver que era isso. As pessoas se exibindo lá e, uma a uma, ia caindo e tal. Aquilo era um massacre. O sujeito não podia parar, enquanto estava dançando, e tinha que dançar conforme a música, conforme o ritmo. Aí, de repente, quando a coisa estava amolecendo com uma marchinha, os caras soltavam um frevo. As pessoas iam caindo. Eram mais de 100, 200 casais, não me lembro bem, e foram caindo, e fui contando a história. Não dei o nome de nenhuma dessas pessoas. Eu acho que, isso tudo analisei tudo ao fazer a matéria. Elas não estavam na condição de homens, eram números, porque cada um tinha um número. Então, eu contava a história do 171, do 204, do 97, e até o final, quando sobraram poucos casais. Eles tinham intervalo para dormir, acho que de cinco horas, uma coisa assim. A maioria não conseguia dormir com medo de não acordar. Então essa tragédia. Quem diagramou essa matéria se chama Zivaldo Alves Pinto, e o Zivaldo Alves Pinto ficou louco porque ele é um sujeito assim, sempre foi, um sujeito entusiasmado. Quando ele viu as imagens, a história, disse: "Isso é um teatro grego", não sei o quê. Isso porque havia umas cenas assim, uns planos diferentes de loucos em todas as situações. Essa reportagem fez um sucesso, tanto que acabou esse concurso. Eu acho que foi um dos serviços que eu prestei na minha carreira.

Audálio, sobre o hospício de Juqueri, como é que foi que você chegou a essa informação. Foi uma denúncia?

É uma boa pergunta. Primeiro porque havia frequentemente reflexos dessa situação. É uma pergunta que tinha que ser feita porque, senão, ia ficar estranho. Como é que eu e o fotógrafo, que era Ronaldo Moraes, ficamos lá dentro andando por todo lado. É porque havia um grupo de médicos que não agüentaram a situação. Médicos que resolveram... o Estado não cumpria a função e daí, eles resolveram denunciar. Foi aí, que me convidaram, um deles me convidou, e facilitaram tudo. Fiquei andando ali por dentro com toda a liberdade. Diga-se de passagem, que havia uma entrevista com um médico, lamentavelmente, não me lembro o nome, jovem médico, pouco provável que esteja aí, ele que ele contava as raízes dessa história, as origens da tragédia. Ele tinha uma interpretação que ia além da medicina, uma interpretação sociológica, os desacertos, a perda de identidade daqueles que vêm de várias partes do país, para uma cidade como São Paulo, perdem as referências, perdem a família e muitos chegam à alienação mental em função disso. E lá, a maioria estava abandonada, essa era a grande tragédia. Era um depósito, não tinha família. Ou, se tinha família, ela não tinha condições de estar lá. Era essa a situação. A própria situação do país, com nossos desarranjos sociais, estava refletida ali.

A publicação da matéria teve alguma consequência imediata?

Teve muita repercussão, evidentemente. O Estado, naturalmente, se omitiu, não falou nada. Mas a repercussão em vários círculos e, principalmente, em uma coisa que até hoje em, tem reflexos positivos, e, para isso, o jornalismo presta um grande serviço, que é, a partir dali, já havia nascendo um movimento contra o confinamento de doentes. Hoje tem uma corrente muito forte na medicina, que defende que aquilo só acentua os problemas, não confina, deixa com a família, trata junto com a família porque serve de apoio, a laborterapia, todo esse tipo de coisa. Isso hoje é uma coisa importante.

Você citou o Gay Talese. No livro Fama e Anonimato, no último capítulo, ele explica como ele fez, como foi todo o processo de apuração desse texto "Frank Sinatra está resfriado". E ele disse que nunca reproduz exatamente aquilo que os entrevistados dizem, com uma única exceção, quando ele não é capaz de dizer daquela forma específica. Nas suas reportagens, como você lidava com isso?

É importante isso porque muitas vezes ao você falar com uma pessoa, ao entrevistar uma pessoa, você percebe que além da expressão oral há outro tipo de

expressão: o olhar, a expressão facial, de modo geral, que traduz outras questões. Eu acho uma questão de interpretar. Isso não significa que você ficcione. Não é ficcionar. Isso significa tem que ter a capacidade de entender o outro, de aprender aquilo. Eu fiz alguns trabalhos antes de ler o Talese. Por exemplo, em Canudos, outra reportagem que fiz que grande repercussão no O Cruzeiro, em que entrevistei pessoas, alguns poucos já velhinhos, remanescentes da guerra, do final do século 19. Evidentemente era preciso você entender além do que eles estava dizendo. Mesmo porque o vocabulário, a expressão oral era limitada. Aí, em uma reportagem que fiz em Canudos, eu tenho um grande box, que se chama, se não me engano, o título: " A guerra segundo Bruega". Bruega era o sertanejo, que era menino durante a guerra. E eram os olhos do menino que viram a guerra, e eu reproduzia. Então, eu tive o trabalho, na conversa com ele, reconstruir o que era a visão de um menino daquela tragédia, que era uma guerra terrível. Ele sobreviveu, foram um dos poucos que sobreviveram, num buraco, no fundo de uma trincheira porque o glorioso exército nacional entrou e arrasou tudo. Ele foi um dos poucos sobreviventes, junto com as mulheres. Quando você se apodera de técnicas literárias, assim como um romancista pode se apoderar de técnicas jornalísticas, como é o caso de Truman Capote, muito claramente, ele usa técnica jornalística para escrever *A sangue frio*, e aí dei um tom como se o Antônio Bruega fosse um apóstolo. O Conselheiro tinha essa coisa, era o condutor, o místico e tinha seus seguidores, como se fele osse um apóstolo do Conselheiro e estivesse testemunhando. Um evangelho segundo Buega. Era mais ou menos isso.

Você falou que para essa matéria do manicômio, você buscou uma reflexão por parte do leitor. Contando fatos, não fazendo uma denúncia, mas contando a história e deixando que o próprio leitor refletisse sobre aquilo e percebesse a gravidade do problema. Você acha que o leitor mudou de lá para cá?

Eu acho que sim, mesmo porque o jornalismo evoluiu e junto... Por exemplo, nos anos 50, quando comecei, ainda havia, no jornalismo diário, uma linguagem padrão contra a qual esse grupo de jornalistas reagiu, não usava. Por exemplo, não usar o sinônimo, para não repetir a palavra. Aliás, usar o sinônimo para não repetir a palavra. Então, água virava precioso líquido, se estava no início do período. Os bombeiros eram os heróis do fogo, cemitério era necrópole, médico era facultativo, advogado, sei lá, esqueci. Tinha esse tipo de coisa. Essa linguagem foi evoluindo, nos anos 60, teve o grande momento que veio com a revista Realidade, na qual eu trabalhei, e o Jornal da Tarde. O Jornal do Brasil, também...De certa forma, no

Diário Carioca, era muito mais os títulos do Pompeu de Souza, vivos, indo muito para o engraçado, acho que isso foi tudo modificando a receptividade do leitor. O leitor foi junto.

Dando um pulo, como foi essa novidade do Jornal da Tarde e da Realidade?

Acho que nas duas publicações houve uma sublimação do texto. Teve até discussão sobre isso. Muita gente confundia, via o jornalismo literário como literatice, o texto enfeitadinho... não era isso. O texto não precisa ser enfeitado, o texto precisa ter consistência, atrair o leitor, ter a importância, informar e atraindo pela qualidade da narrativa. O Jornal da Tarde, então, era muito engraçado, até gozado nas redações pelos títulos originais. Havia até um certo preconceito, "redação feito por viados" etc [risos]. E uma piada, no dia em que o Jornal da Tarde deixasse de circular, a manchete seria: "Cansamos". [risos]. Mas na verdade, ali surgiram grandes, mas grandes jornalistas, e o maior de todos, nesse estilo – porque o jornal não era todo isso, tinha notícia, mas na também reportagem – era o Marcos Faerman. Era fantástico texto, maravilhoso repórter, um ser humano. Porque acho que o repórter, nessa circunstância, tem que ter uma visão muito profunda do que seja o outro. Uma capacidade humana de entender as coisas e esse era o Marcos Faerman. E a revista Realidade que foi um projeto novo, vitorioso, uma revista de texto, de reportagem e, mais ainda, uma revista de autor. Foi a primeira publicação no Brasil que dizia publicação de autor. O sujeito escrevia a matéria, era matéria era dele. E apareciam alguns que não eram jornalistas por profissão, no caso do Jorge Andrade, que era teatrólogo, o Roberto Freire, que morreu recentemente, que era médico, psicanalista, e esses faziam textos que fugiam aos padrões completamente. Agora nós, que éramos jornalistas, eu falo, estavam o José Hamilton Ribeiro, o Carlos Azevedo, repórteres que estão aí, continuam escrevendo, José Carlos Marão, Narciso Kalili, vários outros grandes jornalistas, nós vínhamos da escola anterior, como A Folha etc e tal. E na Realidade, grandes matérias se fizeram, algumas, no meu ponto de vista, partiram para o exagero, na criatividade, digamos assim. Mas havia matérias que eram verdadeiras subversões dos padrões do jornalismo tradicional etc. Uma delas que eu fiz chama "Povo caranguejo", pode-se dizer um texto quase teatral porque eu fiz um contratempo entre os personagens principais, que eram os caçadores e os caçados, os caranguejos. Mas isso era, sei lá, uma invenção, como você vai saber do caranguejo? Eu digo, você pode supor e pode ser constatado que o caranguejo sofre uma agressão ao ser caçado e ele deve ter as suas formas de reação, como tem. Por exemplo, como se caça caranguejo no mangue? O pescador vai, os

caranguejos fogem para os buracos, ele tampa os buracos, um, dois, três, quatro e vai em frente. E os caranguejos ficam presos. E por que ele que ele pega o caraquejo? O caraquejo ficou na tentativa de sair, nessa busca, é bravo para o caraquejo. É fácil você imaginar isso. E muitos conseguem sair um pouco mas quando ele volta, ele vai pegando porque os caranguejos estão cansados, alguns estão quase morrendo, aí fica fácil pegar. Senão, os caranguejos ferram com a mão dele. Muitos, apesar deles, têm as mãos grossas das ferroadas dos caranguejos. Enfim, o que era o texto? A certa altura, o texto dizia: "Homem - faz isso, isso, aquilo. Caraquejo, isso, isso, aquilo". É isso, acho que não há nenhuma invenção nisso.

A Realidade foi formada por muitos jornalistas que saíram da Quatro Rodas. Esse foi o seu caso?

Eu me esqueci de dizer isso. Eu fui para a Quatro Rodas, saí de O Cruzeiro porque divergi. Aliás, muitos divergiram naquela fase, inclusive Ziraldo, Jânio de Freitas, que era um dos editores de texto, e vários outros jornalistas da época divergiam. Eu mesmo fui relator de um seminário de jornalistas que propunha uma nova proposta editorial para O Cruzeiro. Nesse grupo estava o Millôr Fernandes, que era um que divergia a todo momento. Posso contar uma história aqui do Millôr? Ele divergia tanto que... aquilo lá era o Assis Chateaubriand e dos associados, mas tinha a família Gondim de Oliveira, que era o diretor-presidente da empresa, a dona Lili, mulher dele, era um grupo mais ou menos familiar. O Millôr exigia, e fazia muito bem, liberdade nas duas páginas que ele tinha. E, às vezes, ele avançava muito... e um dia ele fez aquelas duas páginas, tinha ali história do Simca Chambord, que era famoso porque quebrava a todo momento, não podia subir ladeira, esse tipo de coisa. Ele fez nas duas páginas uma ladeira imensa e um Simca Chambord subindo e sendo empurrando pelo pai, a mãe, a sogra, o cachorro, papagaio, todo mundo empurrando o Simca, e dizia a legenda: "No dia em que os fabricantes do Simca Chambord resolverem fabricar relógio-cuco, o cuco sai de costas e pergunta: "Que horas são?" [risos] Isso criou uma crise lá dentro, onde já se viu? Como é que pode ir contra o fabricante, aquela coisa toda... Esse grupo de jornalistas tinha essa pretensão. Foi aí que eu saí e fui convidado para ir para a revista Quatro Rodas, um negócio que nunca tinha me passado pela cabeça, estava lá o José Hamilton Ribeiro, que tinha saído da Folha. E lá vou eu para Quatro Rodas ser editor de turismo... Aí eu que estava acostumado a freqüentar o lado mais sombrio do país e aí fui ser editor de turismo...até gostei,

viu? Saía aí, era um refresco, de vez em quando ia fazer uma matéria... Fui fazer o roteiro do Jorge Amado, sempre Jorge Amado, o cacau, aquela zona, muito bonito, bons hotéis, bons restaurantes, paisagens, etc... Fiz uma viagem maravilhosa pela Panamericana, um roteiro do Brasil até o México, de carro. Coisas fantásticas. Depois fui ser redator-chefe da revista Quatro Rodas, é estranho porque até hoje não sei o que é buzina... mas deu para fazer a revista. E aí, quando surgiu a Realidade, fiquei um tempo (na Quatro Rodas), e me convidaram pra lá, e fui correndo para a Realidade.

Voltando um pouco a O Cruzeiro, você citou aquelas páginas Pif Paf... Você podia falar um pouco de um outro personagem que ficou um pouco ofuscado nessa série de memórias que nós estamos fazendo que é o Péricles, que fazia o Amigo da Onça. Você pode falar um pouquinho?

Sim, claro. O Péricles não aparecia muito na redação, fazia em casa e mandava. Aparecia de vez em quando. Ele e o Carlos Estevão, que era também outro grande humorista da época. O Péricles era um sujeito ensimesmado, curiosamente. O Amigo da Onça aquele personagem era uma espécie de evasão dele. Ele conseguia sair e praticar sacanagens, que ele pessoalmente não seria capaz de fazer. Era uma pessoa assim. Teve um fim trágico, acabou se suicidando... talvez em função até dessa busca do lado sádico do homem, que era o Amigo da Onça, que era um sádico.

Na Quatro Rodas vocês faziam grandes reportagens?

Não havia condições de espaço para se fazer matérias de grandes assuntos na Quatro Rodas, principalmente pela limitação do tema: turismo e automobilismo. Eu percebi muito isso na viagem que fiz para o México, que eu descobri a grande contradição profissional que estava sofrendo. Ao atravessar a América Latina você se deparava a todo instante com a realidade desse continente, desse subcontinente em todos os sentidos: a miséria, a exploração, tudo isso, e eu comecei a dizer: "O que eu estou fazendo aqui?" Gostei muito, foi uma bela de uma aventura etc e tal. Isso foi em 69, tanto é, que, no meio do caminho, encontrei a guerra que foi a guerra do futebol, Honduras e El Salvador, que era reflexo dessa porcaria que é, até hoje, as condições, até certo ponto, até hoje da América Latina. Fiquei um mês parado com o carro, fomos cobrir a guerra. Estávamos um fotógrafo e eu, o Oswaldo Maricato, e entramos em Honduras no dia que estourou a guerra, entramos em Tegucigalpa sob bombardeio, e o que nós vamos fazer aqui? E fomos

fazer uma matéria para a revista Veja, porque para a Quatro Rodas não cabia isso. Acho que responde a sua pergunta, de certa forma... Mas na Realidade, a busca os modos de denunciar problemas que surgiram depois.

Fale um pouco sobre as grandes reportagens da Realidade.

Muitos grandes assuntos, matérias que se podem ser consideradas antológicas, que foram feitas pela revista, o grande momento foram as edições especiais. A edição *Amazônia*, que foi feita pelo Raimundo Pereira, que eu acho que é um jornalista que deve ser entrevistado, ele conduziu uma equipe... A Amazônia foi descoberta para a maioria do país naquela matéria. A revista inteira voltada para a Amazônia, com todas as suas contradições, todas as suas maravilhas da natureza, a exploração, já o problema da destruição, tudo isso. Depois, outras matérias especiais, edições especiais, algumas delas eu fiz. Fui editor na edição Nordeste, depois, e depois foi quase que totalmente sobre o Vale do São Francisco. Porque uma das coisas que se devem lembrar dessa questão toda é que esse tipo de jornalismo feito nos anos 60, principalmente, era um tipo de jornalismo de investimento na matéria. Que não se faz mais hoje, Uma edição dessas da Amazônia levou um contingente imenso de repórteres para todos os pontos da região, assim como Nordeste, meia redação da Realidade foi para Recife, montamos uma redação no Recife. Essas coisas são impensáveis hoje, e significava um investimento muito grande, em dinheiro, não só de tempo dos repórteres e tal, mas dinheiro. A redação ficou em um andar inteiro em um hotel no Recife, e depois transporte para todo o Nordeste, todo esse tipo de coisa. Agora, devo lembrar outro tipo de coisa que era importante nessa fase de ouro do jornalismo. Jorge Andrade foi um dos repórteres, ele era teatrólogo famoso, tinha escrito *Os ossos do barão*, foi para a televisão, *Vereda da salvação*, e outros textos importantes, e ele foi fazer uma matéria que era, mais ou menos, a sobrevivência daquele homem que planta naquela terra difícil. E ele fez a matéria, voltou entusiasmado, pegou um personagem e trouxe e escreveu. Mas ele não era jornalista na essência, era um teatrólogo. Aí, eu digo, tinha certos limites. Então, disse para ele, olha, acho que não está legal. Aí, ele voltou... acho maravilhoso e reescreveu o texto. Como era texto de autor, tinha que ter a cara dele. Reescreveu uma, duas, acho que três vezes... E aí era o texto do Jorge Andrade, mas que estava dentro da proposta da revista. Aí teve o Rio São Francisco. Aí, teve menos gente. Fomos da nascente, rigorosamente, à foz, não se faz mais isso. Aí não podia ser barco de carreira, tinha que ser barco alugado, demorou 45 dias para fazer a reportagem. Não se faz mais isso hoje, só isso.

Como essas pautas eram elaboradas na revista? Havia uma reunião, cada um trazia a sua ideia?

Eram ideias dos repórteres, dos autores. Independentemente disso, as ideias eram discutidas, como eu saí lá da Folha para fazer a favela. Nessas reuniões de pauta, as ideias eram muito discutidas. Não sou do grupo inicial, mas o grupo inicial virou quase uma máfia, uma gangue, se reunia, ficava dois, três dias reunidos para discutir a pauta, enchiam a cara...que depois, veio funcionar muito nas grandes entrevistas do Pasquim...todo mundo enchia a cara. Fui um dos entrevistados do Pasquim e fiquei espantado para ver como eles conseguiam fazer depois a matéria, porque o uísque rolava doido, né? Talvez por isso. Era uma cumplicidade muito grande, uma coisa muito boa mesmo. Da mesma maneira, se discutiam os textos... Tinham coisas assim, quando eu trouxe o texto do caranguejo, acho que foi Miltainho disse: "É uma puta de uma reportagem..." Era muito assim. Mas, se o cara tivesse alguma observação, ele faria. O Sérgio de Souza, maravilhoso, editor de texto, ele diria: "Olha, acho que esse negócio não está legal..." Aí o cara voltava, e fazia. Não tinha aquele negócio do copidesque mexer. Podia até acontecer, em alguns casos de repórteres menos experientes, do copidesque mexer. Mas, entre os tarimbados, não, ele voltava e escrevia...

Quem fazia parte da equipe original da Realidade?

É difícil lembrar de todos os nomes...mas você pode, logo de cara, lembrar de José Hamilton Ribeiro, Sérgio de Souza, Miltainho [Mylton Severiano], José Carlos Marão, Narciso Kalili, acho que já estava Roberto Freire... o Frei Betto, que escrevia alguns textos mas não era empregado... Paulo Patarra, que foi praticamente o inventor dessa coisa, e que morreu recentemente, era um grande inventor de revista.

E como era a relação desse grupo original com o Civita? Como essa revista era discutida com o dono?

É boa essa pergunta. Isso era impossível. Muita gente se pergunta: "pô, mas como é que acabou uma revista como a Realidade?". A Realidade terminou com 400 mil e tantos exemplares, uma tiragem grande. Aí, houve uma dissidência, como houve também n'O Cruzeiro, vários saíram. Primeiro essa equipe. Depois, em 1974, eu digo: "não dá mais...". O projeto original estava desaparecendo... Fizeram uma revista mais rapidinha, ligeirinha, que o José Hamilton chamou de Realeções ou de Selenidades, essa comparação com a revista Seleções, aquela coisa utilitária...

meio boba. E fui um dos que saíram... Mas digo que é impossível por quê? Quem era um dos editores da revista, era um dos donos da editora, filho do dono, que era o Roberto Civita. E nessa relação, o Roberto Civita, de certa forma, ao exercer a força do dono, muitas vezes, ele perdeu e aceitou. Tem uma história do que me contou o Luiz Fernando Mercadante outro dia, que eu acho que resume. Disse que Luiz Fernando Mercadante foi cobrir São Domingos - a ONU entrou lá no conflito e ele foi cobrir. Foram soldados brasileiros e ele foi. Ele voltou no carro com o Roberto Civita. Aí, o Roberto disse: "Olha, eu tenho uma sugestão para essa matéria: "O Brasil vai à guerra!". O Mercadante engoliu, ficou quieto, mas, depois, disse: "Oh, Roberto, isso não é título". O título que saiu foi - muitas vezes os títulos eram discutidos em grupo - "Brasileiros, go home". Quer coisa melhor do que isso?

Ganhou prêmio Esso.

É. "Brasileiros, go home". Então, na revista Quatro Rodas, quando eu era editor-chefe, o Civita tem méritos importantes. Tem seus deméritos também, claro... Uma vez, um repórter que era um caçador de novidade: "Vão lançar um automóvel". Então, como a indústria não se desenvolvia tanto, a novidade era uma nova grade no Corcel, esse tipo de coisa, no Opala, sei lá... Ele conseguiu fotografar o carro escondido, passou três dias sem dormir na Ilha Bela, aqui no litoral, aí a capa era isso, o novo Corcel. Quando subiu, disseram: "não pode ser, porque eles estavam escondendo, era um segredo de fábrica, não pode". Passamos a noite inteira discutindo essa capa, vai, não vai... Aí, resolveram fazer uma greve na redação e eu apoiei. Porque era uma questão de desrespeito ao trabalho do jornalista. Esse embate não foi com o Roberto, foi o Richard Civita, o irmão, e um pouco menos voltado para as questões editoriais. Mas até que às 6h da manhã, conseguimos a capa. Eles tinham essa coisa, resistiram do lado deles e nós resistimos do nosso. Terminou saindo a capa. *O povo caranguejo*... eu perdi duas capas. Já era uma fase um pouco menos, digamos, monolítica da redação. Eu perdi a capa do caranguejo, saiu uma foto da Maureen Bisilliat, de uma pessoa, de uma moça que parecia uma estátua coberta de lama enterrada na lama, mas a chamada, que era forte, do tipo *Brasileiro go home*, aí perdemos, saiu *Vida corajosa*. É uma coisa totalmente babaca, porque não era corajosa coisa nenhuma, era uma vida miserável [riso]...vá lá que seja corajosa, e saiu.

Como era pressão dos militares sobre a diretoria, principalmente depois do AI-5?

A Realidade fez trabalhos antológicos e que, na ocasião, mesmo antes de 68, antes do AI-5, já eram considerados muito ousados. Algumas edições foram apreendidas inteiramente, como foi o caso da edição Mulher. Uma cena de parto era considerada imoral etc e tal. Agora, a revista buscava fazer os temas e trazer, revelar coisas. O Eurico Andrade fez matérias importantes sobre a fome no Nordeste, o regime tinha todo interesse em evitar. Havia, não se pode negar isso, a autocensura do autor, do repórter. Ao escrever, me surpreendi várias vezes. Mas você procurava um modo.... Em uma situação como aquela, é lícito você procurar modos de dizer as coisas, de contar... Uma das matérias que fiz para a Realidade, chamada *Mortalidade infantil no Nordeste*, contava que morria uma criança a cada segundo, tantas crianças a cada minuto, coisa desse tipo. O que é que eu fiz? Fui acompanhar situações da Zona da Mata de Pernambuco, a região mais fértil do Estado, onde acontecia maior índice de mortalidade infantil. O paradoxo está aí... Depois, peguei um caso – essa foi a segunda capa que perdi da Realidade – peguei um caso em que uma criança estava morrendo em um bairro miserável do Recife, nem me lembro qual. Chegamos lá, eu e o Luigi Manprin, um magnífico fotógrafo. Chegamos na casa, o pai era cobrador de ônibus, uma coisa assim, não estava, a mãe estava com a criança. Tentaram levar para o hospital, não conseguiram, a criança morreu. Vão fazer o sepultamento, ficava longe do cemitério, não tinham recursos..o pai pegou o caixãozinho e ele, sozinho, levou ao cemitério. Acompanhamos isso. E acho que era o Cemitério Casa Amarela. Chegamos lá, no cemitério, antes do sepultamento, ele destampa o caixão, e o fotógrafo disse: “Olha, segura um pouco o caixão”. Segurou, então, está a cena dramática, terrível, do pai segurando o filho morto naquele caixão. Era uma foto muito, mas muito boa. A redação queria a capa, mas nós perdemos a capa. Não entrou mesmo, não entrou nada. O caranguejo ainda entrou... Entrou na abertura da matéria lá dentro, mas a história estava contada. Mas, então, a relação da direção da revista Abril com os militares era difícil, como todos os casos das publicações e, no caso das revistas da Abril, da Realidade, eles mandavam para a censura. Não havia censor lá dentro. Mas havia uma espécie de intermediário entre a redação e a censura federal. Esse intermediário era quem tentava botar uns panos quentes. Às vezes, ia e voltava com a matéria, que tinha que ser alterada... Uma coisa. Foi assim.

Esse intermediário era alguém da editora ou do governo?

Era da editora. Era um sujeito nomeado para fazer esse trabalho.

Por que a Realidade acabou?

Essa pergunta, todo mundo faz. Mas quando digo que a Realidade morreu com 400 e tantos mil exemplares, aí foi uma decisão empresarial... Do ponto de vista capitalista, o capital empregado... o retorno.... Do ponto de vista deles, tudo bem... O investimento não dá o retorno, talvez, sei lá, podia até estar dando prejuízo, sei lá. E havia uma tendência em publicações segmentadas, já começava haver para vários assuntos, temas, dinheiro, jardinagem ... enfim, um monte de coisa desse tipo. Acho que a Realidade desapareceu do ponto de vista industrial. Ela não resistiu. Acho que foi por aí. Várias tentativas de fazer uma revista como essa esbarram exatamente na questão do investimento. Não adianta dizer: Vamos fazer uma grande revista de reportagem se você não investe em reportagem. Você vai pagar free lancer, pagar bem até e a viagem? E o tempo exigido pela matéria. É uma questão de investimento de capital...

Você se lembra de outros momentos tensos na Realidade em função das pressões do governo?

Acho que os momentos mais tensos foram esses: a apreensão de edições inteiras. Depois, a própria editora começou a tomar as suas providências, de cuidar para que as revistas da Abril, a Veja, principalmente por exemplo, não brigasse com o governo, com o poder.

Na história da Realidade, a saída de alguns jornalistas advém dessas pressões?

Sim, sim. Quando a revista começou a ser uma revista ilustrada, mais rapidinha, aí saíram vários e eu fui um deles em 74. A revista resistiu ainda até 76, depois acabou.

Você trabalhou em revistas que tinham a reportagem como uma principal marca: O Cruzeiro, Quatro Rodas, Realidade, revistas que foram, cada uma a seu modo, inovadoras. Você diria que essa experiência nessas revistas te ensinaram uma nova maneira de se pensar e de se fazer jornalismo?

Sem dúvida. A Revista O Cruzeiro era muito contraditória. Ao mesmo tempo que tinha grandes reportagens de fundo, mas tinha frivolidades que eram, às vezes, exacerbadas. Por exemplo, o diretor de redação – sempre trabalhei na sucursal de São Paulo – não vou nem citar o nome, mas ele trabalhava lá um grande repórter, um texto maravilhoso que era o Neil Ferreira, depois ele trabalhou na Folha também. Aí ligava o diretor de redação e dizia: “Olha, vai estreiar no teatro, em um desses, da Boca do Lixo, uma revista. Eu queria que vocês fizessem a capa com a fulana de tal. Era uma atriz que estava surgindo. Aí, dizia o Neil: “Já sei, ta querendo comer a menina”. Isso se repetia de vez em quando. Um dia, o cara ligou, “Olha, tem a fulana de tal, faz a capa dela, é uma menina muito bonita... Aí, o Neil ficou bravo e disse: “ Oh, fulano de tal”, meio de brincadeira, mas disse - acho que isso é da história do jornalismo brasileiro também - você quer comer a menina? Então, come você...não precisa ser com a capa da revista [risos]. Mas havia espaço... Havia o Davi Nasser, que fazia aquelas papagaiadas, aqueles artigos pseudamente corajosos e o Ubiratan de Lemos, que era um excelente repórter, fazia excelentes reportagens, fazia as misses, fazia um esforço de reportagem imenso para entrar a capa feita em Miami da vencedora do concurso, aquele tipo de coisa. Quando eu mandei o texto dos *Desamados irmãos loucos* para o Rio de Janeiro ou foi o *Circo do desespero*, acho que foi o *Circo do desespero*, o editor-chefe era um grande jornalista, um homem de grande dignidade, chamado Odylo Costa Filho. Esse cara me ligou do Rio de Janeiro para São Paulo e disse: “Olha, acabei de ler o seu texto e quero dizer, sem nenhum problema, que eu estou chorando”. Então, tinha esse tipo de contradição. Isso me permitiu que a gente fosse.... A Realidade, então, foi a superação, o grande momento, é claro, que serviu para que a gente valorizasse o trabalho da reportagem.

Aproveitando que você citou Davi Nasser, queria que você comentasse esse tipo de jornalismo que o Nasser fazia e que, também, era a marca de uma época.

Ele fez campanhas enormes, tinha duas páginas de texto. Era um jornalista esperto, repórter capaz, mas aquela linguagem não era aquela com que nós concordávamos. Era uma linguagem da exacerbação, do xingamento. Por exemplo, pegou uma pinimba com o Brizola, parece que o Brizola deu um tapa nele no aeroporto, aí ele escrevia. Tinha o caso da Aída Cury, ele escrevia contra um suspeito, não sei se era o autor do crime...quer dizer, ele tinha o seu papel. Agora aquele estilo não era mais o jornalismo da época, estava superado. Tanto é que,

quando fui relator do grupo que pedia mudanças, o Ziraldo, que era o autor da nova proposta gráfica, a página do Davi Nasser passou de duas, passou a ser uma, com um retratinho em cima. Ele não concordou. Vale a pena contar essa história. Em uma reunião, em que estava o diretor da revista, o Leão Gondim, o diretor de redação... estava todo o mundo. O Ziraldo, não me lembro se o Millôr estava, a maioria estava...e o Davi Nasser disse: "Olha, não concordo com essas mudanças porque mudar a cara da revista de uma hora para outra, tem a história do Biotônico Fontoura, que tinha um rótulo tradicional de mil, novecentos e não sei quanto, mudou e caíram as vendas... Alguém disse assim: "Viemos aqui para discutir uma revista e estamos discutindo um xarope" [risos]. Era isso. Havia uma divergência, um choque de estilos, digamos assim.

O Amaral Netto e o Davi Nasser, dentro d'O Cruzeiro, você acha que representavam tendência política? Se cristalizaram tendências políticas dentro do O Cruzeiro?

Sem dúvida nenhuma, eram visões e tendências, mais do que tendências, eram convicções do que se chama direita. A direita, digamos, mais estabelecida, as concepções assim, enquanto o outro grupo era visivelmente de esquerda. E, por ser de esquerda, não quer dizer que fosse filiado ao velho Partidão. Vários casos não eram efetivamente. Mas tinha um pensamento, era uma coisa adiante, progressista. Tanto é que o Amaral Netto, que tinha aquela posição, escandalosamente, acabou sendo chamado de Amoral Nato, porque ele não tinha nenhum escrúpulo em dizer as coisas que ele dizia.

Havia um choque de estilos em O Cruzeiro tinha talvez a ver com uma cultura jornalística que está mudando, uma nova ética?

Acho que isso tinha a ver com a ética, sim, porque você passar por cima dos assuntos, defendendo pontos de vista... Eu, por exemplo, apesar de não ser militante partidário, me considero de esquerda. Dizem que a esquerda morreu, mas não é verdade. O pensamento progressista não precisa ser filiado a nenhum partido, ideologicamente afinado. Mas eu acho, falando de ética, que hoje no jornalismo brasileiro essa questão ética não está sendo muito levada a sério. E isso independe de posições de esquerda ou de direita. Acho que está no contexto chamado globalização, em que prevalece o mercado, os interesses do centro contra a periferia etc. O Estado que agora socorre grandes grupos financeiros nos Estados Unidos... Imagine, eles que pregaram a destruição do Estado, pregaram o tal do

Estado mínimo... Hoje, estão pedindo pelo amor de Deus US\$ 700 bilhões para salvar bancos etc e tal. Eu acho que, a partir dos anos 90, no Brasil, o chamado neoliberalismo, e aí o senhor Fernando Henrique tem muito a ver com isso, o movimento pelas privatizações, não quer dizer que, em alguns casos, não se tenha que fazer isso, e que o Elio Gaspari chama muito bem de "privataria", aí a ética foi para o espaço porque passaram a valer os valores do mercado e acabou. Hoje nós temos um jornalismo editorializado. O jornalismo que deveria ser de informação e é vergonhosamente editorializado, assume posições que são claramente contrárias, não digo a interesses do país, mas interesses que são coletivos, importantes. A revista Veja faz coisas, às vezes, que são inomináveis, do ponto de vista jornalístico. Editorializa de tal maneira que ...não vi a matéria...outro dia, Paulo Freire...foram perguntando sobre personalidade e o Paulo Freire ganhou e a Veja ficou bravíssima. Não tem que ficar, ganhou. Então, faz um editorial, não faz uma matéria. Tem o caso do Paulo Henrique Amorim, tem caso do Nassif, tem vários outros casos em que os jornalistas se colocam frontalmente contra.

Vamos falar de luta sindical. Você tem uma história importantíssima à frente do sindicato. Mas antes de você se envolver com o sindicato, quando você entrou no jornalismo, como era essa a situação de luta sindical dos jornalistas?

Para dizer a verdade, nunca me havia passado pela cabeça a idéia de ir para o movimento sindical. Aliás, uma posição pequeno-burguesa, de trabalhador intelectualizado, como é o caso dos jornalistas, sindicato era uma coisa assim para operário. Essa era a verdade... E nunca me passou pela cabeça, a minha paixão sempre foi a reportagem.... mas, as posições digamos progressistas levaram, no momento em que veio a ditadura militar, vários jornalistas comesçassem a lutar, alguns do Partido Comunista, ou muitos do Partido Comunista, começaram a lutar para mudar a situação do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, que estava, desde 63 ou 64, nas mãos de grupos que se sucediam, que eram afinados, não digo afinados, mas ficavam equidistantes. Não discutiam a censura, conseqüentemente liberdade de imprensa. O Sindicato é feito, dizia um dos líderes deles, para defender interesses profissionais, trabalhistas. Nada de política, diziam. Com isso, alguns companheiros que participavam dessas tentativas, eu comecei a acompanhar. Mas nunca pensando... O José Hamilton Ribeiro foi um dos que, há algum tempo, foi candidato ao cargo de diretoria e a gente sempre perdia a eleição. Até que, em 1974, alguns caras com uma visão muito avançada a respeito – porque a gente dizia: "Não quero saber daquela merda de sindicato". Isso começou

em 67, com uma proposta de luta contra a Lei de Imprensa, olha só... Isso tinha sido empurrada goela dentro pelo Castello Branco.. Ainda não tinha o Ato Institucional, naturalmente... Foi uma tentativa de fazer o trabalho deles contra a liberdade de imprensa. Aí se organizou um grupo, do qual eu participava, para combater. E qual era o lugar? O Sindicato dos Jornalistas... O Sindicato dos Jornalistas não quis. Imagina, a visão era essa... Formamos um grupo e tinha uma brecha estatutária que dizia que tantos associados podiam convocar uma assembléia, e foi isso que nós fizemos. Convocamos uma assembléia e constituímos, à revelia, ficaram bravos, uma comissão de liberdade de imprensa no sindicato. Lá começamos uma luta contra a nova Lei de Imprensa que está aí até hoje, vergonhosamente. Precisou o Supremo entrar na história outro dia para revogar vinte e tantos artigos. Comecei a ver que era importante, tão importante que tivemos o apoio, na ocasião, de um sujeito que tinha conspirado contra o João Goulart, contra o governo constitucional, que era o Mesquita, o velho Mesquita. Ele apoiou, fomos lá visitá-lo, esse grupo. Fizemos um ato público com comparecimento não só de jornalistas no Teatro Paramount, com duas mil pessoas. Imagina... Começou a oposição do sindicato a crescer. Mal imaginava eu que, em 1974, chegariam a dizer: "Olha, estivemos discutindo e achamos que o sindicato precisa de um sujeito como você, um nome respeitado, um sujeito com trânsito, aquela coisa toda..." Eu disse não, vocês estão loucos, etc e tal. Mas o movimento já tinha crescido muito e se chamava Movimento de Fortalecimento do Sindicato. Tinham feito várias filiações etc. E aí, essa chaminha. que havia na luta sindical ... mas eu fui sabendo que quando eu assumo as coisas, eu assumo integralmente... sabendo que ali estava prejudicando a minha carreira de repórter. Fui eleito, aí aconteceu tudo que a gente sabe. Logo de cara, essa diretoria abriu o sindicato para a participação de não-diretores, foi uma coisa muito boa. Fizemos debate sobre censura, sobre política externa, imagine, debate sobre a política salarial do governo, aliás, isso, eles proibiram, o Dops proibiu. Foram propostas que eram muito avançadas para a época. Isso era um grupo que foi pra lá...

Logo em seguida acontece o assassinato do Herzog...

É. Assumimos a direção do sindicato em maio de 1975, em junho ou julho de 75, não me lembro bem, pela primeira vez fui convocado pelo II Exército, em função daquela tentativa de fazer, eles consideraram uma intersindical, que reunia vários sindicatos para discutir a política salarial. Em função de uma nota que nós fizemos contra um associado, que sendo locutor do Palácio do Governo, em uma solenidade lá Escola Superior de Guerra, qualquer coisa assim, em vez de anunciar a

cerimônia, ele fez um discurso dizendo que as redações estavam tomadas pelos comunistas. Estava presente o general, comandante do II Exército, nós fizemos uma nota dizendo que aquilo era um absurdo, o sindicato não podia concordar com a generalização daquele tipo e que podia ser prejudicial aos colegas, era uma questão ética. O general decidiu me convocar para dizer que a nota dele estava perfeitamente correta, que as redações estavam tomadas pelos comunistas. Comecei a entender que estava no meio [risos] de em uma encrenca muito grande. Em seguida, já julho, agosto, começaram as prisões em massa. Eles tinham derrotado a luta armada, os grupos que defendiam a luta armada, principalmente aqui em São Paulo, os milicos se opunham à proposta de abertura sob controle do Geisel, lenta, gradual e segura. E o grupo aqui, que eram os maiores torturadores, se opunha a isso. Tava na cara. Começaram uma operação violenta contra o Partidão, o Partido Comunista. Houve várias prisões, de advogados, engenheiros etc. Aquela história do Brecht, uma hora eles vão chegar aqui. Você dizer que não tem nada a ver com isso... engenheiro, advogado ... Mas a gente tinha consciência de que ia chegar para nós. Em outubro, chegou, no início de outubro, começaram o sequestro de jornalistas. O primeiro deles foi o Sérgio Gomes da Silva, seqüestrado no Rio de Janeiro, no Largo do Machado, se não me engano. Foi barbaramente torturado, e desde o primeiro caso, o sindicato começou a denunciar, a publicar notas. Muita gente pensou que começou com o Herzog, mas não é. Desde o primeiro caso, o sindicato começou a denunciar. Nós discutimos e digo nós porque éramos uma diretoria, e havia gente que não concordava, mas a maioria concordava. Denunciar era [risos] a maneira mais eficaz que nós tínhamos, em vez de nos silenciarmos. Aí vieram outros e outros e outros, o Vlado foi o décimo-segundo. Quando o Vlado foi procurado na TV Cultura, ele era o diretor de jornalismo da TV Cultura, a situação já estava bem mais..., em função das sucessivas denúncias... o Vlado foi responsável pelos jornais abrirem mais espaço, eles perderam o medo do AI-5, os grandes jornais. Essa é a verdade. Alguns jornais já começaram a publicar notas do sindicato etc. Fui ao congresso da SIP – Sociedade Interamericana de Imprensa - que tinha aqui em São Paulo, denunciei as prisões, eu não era participante do congresso, inclusive, era um congresso patronal. Fui mais uma vez chamado e ameaçado de enquadramento na Lei de Segurança Nacional, por estar instigando contra a autoridade, aquela coisa. Quando procuraram o Vlado, as coisas tinham acalmado naquela semana. O Vlado se apresentou, os outros foram todos levados, o Vlado foi aquele que se apresentou, e aí aconteceu o que aconteceu. No mesmo dia, Vlado se apresentou às 8h da manhã e, às cinco da tarde, segundo informações que nós tivemos depois, ele foi morto

sob tortura. O sindicato não aceitou a versão do suicídio, que veio imediatamente em uma nota que veio do II Exército, e aí houve o grande momento, em função dessa abertura do sindicato, aquela categoria de profissionais, que sempre achou que o sindicato que era coisa de... começou a chegar no sindicato. Muito, muito jornalista, e principalmente no momento em que estávamos redigindo a nota, que seria o ponto de partida para a mudança que houve. Porque o Vlado mudou a história do país naquele momento... a morte dele. Então, essa nota falava desses casos sucessivos de seqüestros de jornalistas, que isso era contra a lei, e que a autoridade é responsável pelos presos que têm sob a sua guarda. Ou seja, dizíamos, claramente, que nós responsabilizávamos os milicos. E não só isso, na mesma nota, convocávamos para o sepultamento no dia seguinte. O Vlado morreu no sábado, tentava-se enterrar imediatamente, como eram nesses casos, e a gente segurou, entrou nesse momento, com muita coragem, a Clarice, a mulher do Vlado, para tentar evitar que sepultassem assim, de uma hora para a outra. Convocamos a categoria para o sepultamento, isso aí já era campanha mesmo. E essa convocação foi feita de uma maneira até hoje extraordinária, extraordinária. Porque das redações os grupos se mobilizaram no sentido de que os jornais dessem espaço para a convocação clássica de convite para sepultamento. Todos os jornais publicaram convites para o sepultamento do Vlado. Os redatores do Estadão, os jornalistas da Folha da Tarde, esse não, a Folha tinha um jornal de um lado e um do outro, o Jornal da Tarde era outra história. Enfim, todos os jornais. E, no dia seguinte, na segunda-feira, nós tivemos no Cemitério Israelita do Butantã, porque o Vlado era judeu, tivemos um comparecimento enorme, cerca de mil pessoas e a maioria era jornalista, mas tinham outras pessoas lá. Aí começou um movimento de mobilização, do que se chama a sociedade civil, o sindicato passou a ser uma referência, uma trincheira. Começou a chegar gente, gente, gente ... Tanto é que as nossas reuniões, que não chamamos de assembléias, porque legalmente não podiam ser assembléias porque, aí, sim, podiam fechar o sindicato. Mas, na primeira reunião, no dia do sepultamento, surgiu a proposta de realização do culto ecumênico em memória do Vlado, que seria no dia 31 de outubro. E aí essa semana toda foi uma grande movimentação, várias idas ao segundo exército, várias ameaças, ameaças do secretário de segurança pública, que era o Erasmo Dias, que, a propósito do anúncio do culto público disse que estávamos fazendo provocação, e que não sabíamos o que estávamos armando... Ameaças muito claras e ele dizia, que ele era, é ainda uma pessoa desbocada: "Vamos almoçá-los, antes que eles nos jantem". E esse culto aconteceu num clima de tensão fantástica, mas foi ali o grande momento de mudança.

Essa nota que o sindicato escreve responsabilizando os militares, ela foi publicada em todos os jornais?

Eu não me lembro exatamente, mas, na íntegra, ninguém publicou. Assim como a morte do Vlado, a notícia não foi a nota do sindicato. É verdade. O que prevalecia era a nota do II Exército dizendo que ele tinha se suicidado na prisão, a história do bilhete rasgado, uma série de coisas. A versão do suicídio nós nunca aceitamos em nenhum momento. Era uma questão assim até de visão jornalística em relação ao que acontecia. Tanto é que o Vlado foi a primeira das vítimas da tortura que não foi sepultada em silêncio. Os outros eram sepultados em silêncio, inclusive o tenente-coronel da Polícia Militar, um mês antes, tinha morrido na mesma circunstância e a família recebeu em caixão lacrado, enterra e acabou. Aliás, tem muita história. O Manuel Fiel Filho aconteceu a mesma coisa, três meses depois do Vlado. Essa história ainda não foi contada devidamente porque, no Vlado aconteceu tudo aquilo, e no Fiel Filho, não. Caiu o general Ednardo D'Ávila, que é uma coisa enorme. Mas o Fiel Filho foi sepultado em silêncio, praticamente.

Mas como os jornais deram a notícia da morte do Herzog?

Acho que o único jornal que noticiou no domingo, a morte foi no sábado, foi o Globo no Rio de Janeiro, em quatro, cinco linhas, dizendo que o jornalista fulano de tal morreu, suicidou-se – já se dizia isso - nas dependências do II Exército, que era o chamado Doi-Codi. Agora, depois dessa nota, alguns se referiram à nota, durante essa semana, já chegava jornalista dizendo: "Saiu a nota do sindicato?" Depois, começou assim, começou a abrir o noticiário. O enterro já teve uma grande repercussão e aí foi crescendo durante a semana.

Em que medida essa noticiário consegue contraditar a versão dos militares?

Eu acho que não consegue. O Estadão, por exemplo, publicou um editorial, acho que foi na segunda ou na terça-feira, sempre lembrando que o Vlado morreu no sábado, que se chamava "Os limites da intolerância". Mas tinha a Folha da Tarde, que era um jornal curiosamente da mesma empresa, que assumia claramente a posição da repressão política. Publicou a manchete: "Comunista suicida-se na prisão". Aceitou escandalosamente, na manchete, na primeira página, essa versão que contraditávamos. Os outros começaram, como disse, a abrir, a própria Folha, abriu o noticiário. Quando chegou no meio da semana de preparação do culto já havia uma grande divulgação. Os jornais tinham aberto muito espaço, tanto é que

se organizou uma fantástica operação de repressão na cidade. O coronel Erasmo Dias preparou cerca de 400 barreiras policiais em todas as grandes vias de acesso ao Centro, porque o culto foi programado para a Praça da Sé, na Catedral e, apesar disso, lá estavam oito mil pessoas. Muitos, a maioria foi a pé, mas muitos foram de metrô. Eles se esqueceram do metrô [riso], esse tipo de coisa. Assim, como o general Ednardo achava que eu devia pertencer – eu não tinha nenhuma ficha no Partido Comunista, é claro que eles viram isso – e eu que devia pertencer a uma organização fantástica, que não era conhecida, assim como o metrô. Tanto é que o pastor James Wright, que era um dos três celebrantes, um deles era o dom Paulo Evaristo Arns, o rabino Henry Sobel e o pastor James Wright, que tinha um irmão assassinado em Santa Catarina, ficou louco no trânsito, porque as barreiras policiais não deixavam passar, ele pegou o metrô e chegou lá em cima da hora que estava começando o culto. Houve muita coisa importante naquele momento.

Como foi o culto?

Do ponto de vista histórico, esse culto foi a primeira grande manifestação de massa ocorrida desde o Ato 5. A catedral cabe, superlotada, duas mil pessoas, estavam lá oito mil. Isso significa que parte da Praça da Sé ficou tomada pela multidão. Isso já foi uma extrapolação muito grande, a despeito do aparato policial que estava em volta. Era visível, nas janelas dos prédios em volta, policiais armados de metralhadora. E as ameaças que a gente tinha recebido... Tanto é que havia uma preocupação muito grande, alguns grupos de esquerda, a esquerda radical, achavam outra coisa, que se devia partir para um confronto. Um confronto que a maioria dentro dos sindicatos e com outras pessoas que se juntaram a nós discutiram e acharam que não. Isso era a minha convicção, eu estava no olho do furacão. E muita gente dizia isso é medo, covardia, mas não. Era uma constatação, uma coisa simples que se chama correlação de forças, que não permitia. Seria uma irresponsabilidade muito grande se partir para o confronto numa situação como aquela que poderia significar um massacre, que podia se comparar, por exemplo, a Jacarta, na Indonésia, onde tinha havido um massacre onde milhares de pessoas foram mortas. E, aliás, a reação dos militares aqui contra a abertura política se chamava Operação Jacarta. E nós tínhamos consciência dessa coisa. E, de comum acordo com dom Paulo Evaristo e de outros líderes etc e tal, a nossa coisa era que aquele ato se realizasse dentro do protesto e da homenagem, sem passeata e coisas desse tipo. E o dom Paulo abriu dizendo isso, e o meu discurso, no final do culto, foi no sentido, não sei como consegui falar, porque a emoção era muito

grande, foi no sentido que aquilo era uma homenagem ao Vlado e que nós saíssemos de lá em silêncio e de maneira organizada. Aliás, dom Helder Câmara estava lá e não disse uma palavra durante o culto. No final desse culto, na sacristia, alguns jornalistas perguntaram para dom Helder, porque ele tinha uma fama: "o senhor não disse nada...". E ele disse: "Meu filho, tem horas que o silêncio grita muito mais do que as palavras". Esse foi o sentido do culto ecumênico que, a partir daquele momento, não tenho dúvida disso, a ditadura começou a cair. Antes de terminar esse episódio, eu gostaria de dizer que no meio da semana, ou seja, no dia seguinte ou dois depois do sepultamento, nós recebemos aqui no sindicato a visita de Prudente de Moraes Neto, uma grande figura, um conservador de uma grande dignidade, e ele veio trazer a solidariedade da ABI. E depois, esse fato é importante, ele convocou uma missa na Igreja de Santa Luzia, no Centro do Rio de Janeiro. Foi proibida a missa e ele convocou o pessoal para a sede da ABI. No auditório da ABI, houve o maior momento de silêncio, sem saber, aliás ele escreveu sobre isso, sem se saber como tinha terminado aqui. Isso porque o país inteiro estava em suspense nesse momento. Podia acontecer tudo naquele momento. Sem saber como tinha sido o desfecho aqui, e que essa palavra de dom Helder, os apelos de dom Paulo.. houve o maior momento de silêncio da história na ABI, porque as pessoas, os jornalistas lotaram o auditório da ABI, no Rio de Janeiro, foi pedido silêncio, sabendo-se que aqui estava acontecendo no mesmo momento o culto ecumênico. São coisas que devem ser contada na história. Aliás, estou contando essa história, estou escrevendo essa história do ponto de vista meu e do Sindicato dos Jornalistas.

Audálio, essa manifestação era muito contundente e, ao mesmo tempo, marcada por muitas cautelas.

Claro, claro.

Talvez o fato de dom Hélder não ter se manifestado no púlpito também pode ter a ver com essa cautela.

Havia essa consciência. O presidente Geisel veio a São Paulo veio naquele dia não foi à toa. Ele veio para a inauguração não sei de quê, mas ficou o dia inteiro aqui, ficou no avião, no aeroporto, esperando terminar o culto. Ele sabia que podia acontecer algo... Aliás, esse foi um gesto que merece alguma consideração. No Congresso, no Judiciário, em toda a parte, todo mundo estava... porque ali podia acontecer qualquer coisa.

O Mylton Severiano conta em um livro que o jornal Ex fez uma matéria sobre a morte do Herzog e que em algum momento a redação do jornal recebeu um grupo do sindicato que sugeriu que não fosse publicada a matéria... Ele conta isso no livro *As dez reportagens que abalaram a ditadura*. Você se lembra desse episódio?

Se aconteceu isso, não foi oficialmente em nome do sindicato. Não fui à redação do jornal Ex para falar sobre isso. Se aconteceu, foi alguém porque, como disse, no sindicato, podiam haver pessoas que tivessem mais preocupadas ainda. Eu não fui nem tenho conhecimento disso.

Você lembra dessa reportagem?

Lembro, claro. O título dessa reportagem foi: "A sangue quente". Um belo trabalho, tem alguns equívocos, até de informação. Mas foi um trabalho excelente, foi um dos belos trabalhos que se fizeram. Mas eu me esqueci de um detalhe que eu acho importante, que já disse outras vezes. No episódio todo, houve um comportamento muito ruim da comunidade judaica, não pela comunidade no seu todo... dentro do sindicato havia vários jornalistas judeus, militantes de esquerda etc ou não ... mas o anúncio do culto e do sepultamento também, alguns líderes, geralmente, as pessoas mais estabelecidas, digamos assim, o establishment... Houve um silêncio e também achando que a questão do sepultamento no centro do cemitério – nesse particular, o papel do rabino Sobel foi muito importante - que não devia sepultar lá no cemitério, aquela coisa toda. E no sepultamento, os dirigentes da entidade religiosa que cuidam do cemitério estavam claramente contrariados com isso. Eu estava segurando o caixão na frente e um desses líderes foi acompanhando o tempo todo e eu vi na cara dele um medo fantástico dizendo: "Vamos depressa, vamos depressa". Uma coisa muito dramática isso.

Em função de tudo o que os jornalistas sofreram, em função das prisões, das torturas, desaparecimentos, assassinatos, a gente tem hoje a questão das indenizações, dos processos de reconhecimento dessas coisas que aconteceram. Como você acha que isso está sendo conduzido hoje em dia?

Acho que há alguns equívocos. Não sou do tipo, que isso é uma posição muito discutível, que acha: "Acho que estão pagando com o dinheiro do povo, não sei o

quê”. Acho que as reparações, inclusive materiais, devem ser feitas, sim. Por que não? Não é só pelo fato de terem sofrido tortura, ou perdido emprego. É a própria humilhação, a violação da sua pessoa, do seu corpo, por criminosos que eram representantes do Estado, eram o Estado. Acho que o Estado tem que pagar, e nós, aqueles que pagam impostos, devem pagar sim, e por que não? Muitos estavam omissos no momento, mas acho que deve. Talvez haja alguns equívocos na condução desses processos, ainda essa semana, infelizmente, não tenho o nome aqui do jornalista, que conta que o pai era militante no Recife, foi preso, a família que vir para São Paulo, a mãe viúva, passaram fome, todas essas questões, acho o pai acabou morrendo sob tortura, e, no entanto, a comissão negou. Eu não sei bem quais são os critérios e talvez seja uma questão de ver os critérios. Há casos em que talvez se precise discutir. Mas acho que o perseguido político, que tenha ficado um dia nas mãos dos torturadores, acho que ele deve ser reparado por isso.

Você foi o presidente da Fenaj. O que você pode contar dessa experiência?

A Fenaj já existia. Um dos fundadores, o primeiro presidente da Fenaj, se não me engano, foi o Freitas Nobre, um grande jornalista, aqui de São Paulo. Acontece que a Fenaj tinha a eleição, como todas as federações sindicais, tinha as eleições feitas pelo colegiado, pelo grupo de sindicatos afiliados. Acho que, na ocasião, eram 25 sindicatos filiados. E nós achávamos, e, quando digo nós, sempre, estou falando do Sindicato dos Jornalistas. Inclusive a Fenaj hoje, o pessoal esquece, tem posições políticas equivocadas, esquecem essas questões. A proposta de eleição direta na Fenaj surgiu no Sindicato dos Jornalistas. Foi levada para congressos de jornalistas por delegados do Sindicato de São Paulo, no caso, quem elaborou a proposta final, aprovada em Guarapari, no Espírito Santo, foi o Gastão Tomás de Almeida, que era secretário do sindicato, na minha questão, e a nossa proposta era a eleição direta. Aí, eu já tinha terminado o meu mandato, isso foi em 83, não queria fazer carreira sindical. Foram me buscar: “Mas tem que ser você...você é que vai ter condições etc e tal”. E lá fui eu. Fizemos uma campanha, só isso já valeu, fizemos uma campanha em que tive que percorrer o país inteiro, fui às principais redações, pedindo voto. Em vez de ser aquela coisa ajambrada, em que uma diretoria de 32 membros é eleita por 25. E tudo conchavado. E fui eleito, fui um dos primeiros a ser eleito. Esse é um dos orgulhos que tenho na minha história. Fui o primeiro presidente eleito da Fenaj, parece que depois dessa eleição direta nenhuma outra federação... parece que surgiu uma ou duas – que teve eleição direta. O resto continua como era.

Quais são os desafios hoje para a profissão de jornalista e como as entidades têm lidado com esses desafios?

Acho que o grande desafio da profissão hoje é a discussão ética da profissão porque a ética, na maioria das vezes, não é uma questão religiosa. É uma questão da ética como instrumento de um jornalismo que sirva à maioria. Ou seja, que atenda às expectativas do leitorado, que são os consumidores de informação. E não a adulteração da informação, passar por cima de certos princípios. Essa é a grande questão. A outra questão importante, que está sempre em discussão, é a formação do jornalista, defendendo que os jornalistas tenham que ter formação específica. E há uma luta permanente contra essa idéia que, evidentemente, a exigência da formação universitária para o jornalista – eu não tive essa formação – mas acho que isso melhorou a qualidade da informação. Isso não quer dizer que saiam maravilhosos profissionais das faculdades. Têm muitas que são puras picaretagens. Mas acho que é importante, principalmente do ponto de vista da organização da categoria. Não é nem pela organização sindical – também – mas a organização da categoria, no sentido de que, os princípios básicos do jornalismo fique nas mãos de pessoas que não tenham nada a ver com isso. Hoje, cai a exigência, chega um sujeito que é advogado, economista, um sujeito que tem o seu escritório de lobby, e todo mundo vai defender interesses aí. É mais ou menos isso.

Qual é a sua opinião sobre essa iniciativa de registrar a memória dos jornalistas?

Acho isso de importância fundamental, não só do jornalismo, qualquer setor, qualquer área de atividade no país devia fazer isso porque a nossa tradição é de jogar para o espaço a nossa memória. Acho que é um trabalho do Sindicato dos Jornalistas do Rio de Janeiro, conheci recentemente a nova presidente, a Suzana, acho que é um trabalho muito bom e importante. Assim como a memória sindical. Fui presidente da Imprensa Oficial de São Paulo e um das coisas que pensamos fazer era um livro sobre a imprensa operária e nós não conseguimos. Sabe por quê? Porque os registros da memória da imprensa operária estavam em um arquivo em Milão, por causa da ditadura. Com medo da ditadura, esse arquivo foi levado para o exterior e houve lá um trabalho de um companheiro que nos cedeu as fitas, já digitais, dos arquivos, nós publicamos uma negócio que se chama *A imprensa do trabalhador*. Acho fundamental que se faça esse tipo de trabalho.